

B) Na Namibia continuam as forças que ali se encontram e que estão cobrindo a testa do caminho de ferro; estabelecerá postos e patrulhas em Mucuba e Walley donde irradiará a exploração principalmente nas direcções Mugeba e Naçanja da Costa; procurará ligar-se com as forças inglesas que de Vila Esperança avançam sobre Mucuba. (ass.) O Comandante THOMAS SOUSA ROSA.

O Coronel SOUSA ROSA ordenou, também, mais tarde, ao tenente-coronel GORE BROWNE que fossem reconhecidas as passagens do Licungo e estivessem bem vigiados os vaus.

Mais além, cypacos da Companhia do Boror, dirigidos por um seu empregado superior, o engenheiro suíço SPIESS, auxiliavam a exploração.

Os escoteiros ingleses, subordinados ao major LEONIE COHEN, também não desenganavam.

O major L. COHEN transmite da parte do tenente-coronel GORE BROWNE o seguinte:

*Namagida*  
 "Mandei patrulha a Licungo rio e na direcção de Namagida. (1) - Estou informado que as duas companhias portuguesas em Mugeba ficam ali. (2) - Dei instruções ao comandante Portuguez para mandar um pelotão afin de tomar posse de Mucuba (3) e informar todos os dias. Es-

(1) a N.O. de Nhamacurra.

(2) na confluencia dos rios Mugeba e Licungo. *Licungo*

(3) eram as 2 e 3, sob o comando de 2

tou a mandar um pelotão portuguez daqui para tomar posse e vigiar o rio Maley e para mandar informações todos os dias. Outra companhia, dizem que é boa, chegou aqui para reorganizar, ficam portanto agora aqui tres companhias portuguezas ao todo. A melhor maneira de defender este local é para ir encontrar com o inimigo, logo que saibamos onde está, depois de receber as informações das patrulhas, qual maneira propenho adoptar quando vier o restante das duas companhias K.A.R. Nada de novo de Makiba ( ? ) patrulhas ainda não regressaram."

E da parte do general VAN-DEVENTER:

"Metade K.A.R. 3/1 chegará Mocuba brevemente. N.R.P. ( ? ) está em Esperança. K.A.R. 1/4 procedendo pelo rio de Ille. Qualquer forte ataque a Quelimane podia portanto ser tomado na retaguarda pelas nossas tropas. Se existem ainda grandes depositos de generos, etc, em Moembazi e proximidades, o Chefe recomenda que uma companhia ou uma e meia podia ser dispensada depois da chegada do "Tuna", em Quelimane, para proteger os armazens em Moembazi. As melhores tropas deviam ser enviadas. "Tuna" podia ser empregado se fosse necessario. Rogo responder urgente."

Este documento merece algumas observações:

O inimigo não deve andar longe. O combate de 23 e as informações de Q.G. do general SOUSA ROSA dão-no a Leste ou E.N.E. de Licungo; as colunas inglesas vindas do Norte e de Oeste e as aliadas vindas de Leste continuam a sua marcha concentrica sobre Quelimane.

Em virtude de que é dito neste documento, o general VAN-DEVENTER conta com um ataque dos alemães a Quelimane, para o "tomar na retaguarda" pelas tropas que avançam de todos os

lados. - Mas parece confiar, tão pouco, no resultado desta marcha concentrica, e ter tanto a consciencia de nada saber acerca da situação do inimigo que já está preocupado com os armazens de Moenobazi que ficam a mais de 250 kilometros de Quelizane, pela costa maritima, e recommenda, portanto, que uma companhia ou companhia e meia ( ! ) os vá proteger.

Em 29, o major temporario LEONEL COHEN fornecia as seguintes informações:

"A columna KARTICOL chegou Napari (1) em 25. Uma patrulha teve conhecimento de que 3 companhias sahiram de Napari para Mampave cêrea do dia 25 e o ultimo nucleo do inimigo sahio na noite de 26 de Napari indo na mesma direcção. KARTICOL está avançando via Manhanha sobre Mulevala. A columna de SHORTHORSE que no dia 28 estava 10 milhas a N. de Ille está avançando nova li- *Eniama*  
~~nia~~ Napari-Muccoi e deve passar Ille Roje. PHILCOL avançou (11½) milhas na estrada Murrui (2). Informa que vai do rio Muloqué é mau e corrente é forte. As patrulhas para Namerrue (3) informam que não ha vestigios do inimigo ali e que nenhum inimigo atravessou

(1) A mais de 40 kilometros a N. de Mulevala (pacto)

(2) Mais ou menos 40 kilometros E.N.E. de Mulevala.

(3) Mais ou menos 120 kilometros a E.N.E. de Mulevala

o Mulocué-Rio nem até um ponto 6 milhas a sul de Nacúo (1). Nacúo informa que está livre de inimigo. KARTI-COL inteligência (2) informa que um nucleo de 1 europeu e 6 askaris estavam duas milhas ao sul de Nacúo.¶

As forças aliadas encontravam-se, pois: A Norte na linha Villa-Esperança - Mucubi - Mucoi - Nampari - Munhanhua - Murrua (coluna volante portugueza); a Sul entre o rio Licungo e Nhamacurra.

Mas onde estava o grosso do inimigo?

Em Mugeba ? Em Magangá da Costa ? Em Mulevala ?

As informações que o general SOUSA ROSA tinha neste dia, de origem portugueza, e que logo communicou ás tropas e ao Commando em Chefe, diziam ter sido encontrado um forte nucleo inimigo em Mulevala, com fracções na direcção de Magangá da Costa.

"? - E que <sup>informações</sup> ~~passaram~~, sob a direcção do engenheiro suíço alemão SPIESS, da Companhia do Boror, os indigenas empregados na Fabrica, alguns dos quaes eram naturaes de regiões já atravessadas pelos alemães - ?"

Em 30, o major LEONEL COHEN fornecia novas informações:

"Informações recebidas de um inglez e no local dizem

---

(1) Entre Alto Mulocué e Murrua

(2) Exploração, serviço de informações

que existem estradas de Nhamcurra para Namagida, Maganja e Maquival (1), tambem boa estrada de Maloy para Namagida e Maganja e de Mocuba para Mugeba. Julgo informações acreditaveis. Não ha noticias de inimigo umas duas milhas pela estrada de Namagida. BOS PATROL do rio Likungo disse que a largura do rio é de 350 jardas e não vadavel num ponto nordeste daqui. As margens do rio estão cobertas com mangueiras. Não ha noticias de inimigo. Estou mandando patrulhas mistas sobre BO ( ? ) até Maganja e Namagida amanhã. Duas grandes fabricas de sisal estão empregando 1.500 colonos ou mais. Se houver dificuldades com carregadores recomendo que estas estejam fechadas e a mão de obra aproveitada pelo M.L.B. ( ? ). Não ha notícias de Mocuba. Idem Manhiva." (2)

Não havia noticias de inimigo no dia 30 ! - Assim o communicava o oficial de ligação LEONEL COHEN na vespere do dia em que era atacado, de surpresa, o tenente-coronel GORD BROWNE.

-? E que nos diz VON-LETOW nas suas "MEMORIAS" - ?

" Que MULLER tendo considerado haver cumprido a sua missão destruindo o grande deposito da confluencia do Lugela e do Likungo - combate de Manhiva em 23, etc. - atravessára outra vez o Likungo e ahi esperára a chegada de VON-LETOW;"

" que este se reunira a MULLER em 27 e nesse mesmo dia

---

(1) Proximo de Quolinne.

(2) Segundo o D.C. do S.G. foi neste dia que o major COHEN informou que "Villa Lugela" fôra completamente destruida por 200 acriaris, com 2 peças e 4 ou 6 metralhadoras. Estes factos tinham-se passado em 23 ou 24.

este marchou para o sul em procura da grande Bôma onde esperavam encontrar muitas munições";

" que as tropas de MULLER eram tres companhias e marchavam a um ou dois dias de marcha na frente do grosso;"

" que, em vista do que diziam os indigenas ácerca de um local "Kokosani" (Nhamacurra), MULLER voltou para Oeste em direcção a esse local e atravessou novamente o Likungo num vau que lhe foi indicado;"

" que elle, VON-LETOW, tendo então marchado, a toda a pressa, com o grosso para se juntar a MULLER, atravessou o Likungo na tarde de 1 de Julho, quando aquelle atacava, de surpresa, a Fabrica de Boror em Nhamacurra".

-

-? que tinha dado a exploração, feita a distancia, pelas forças mais avançadas, pelos scouts ingleses, pelos indigenas do engenheiro SPIESS da Companhia do Boror, e que resultára das providencias que o tenente-coronel CARL DROHNE, commandante supremo das forças aliadas em Nhamacurra, não deixára, de certo, de ter determinado ? -

Absolutamente nada, pelo menos, para os aliados.

É interessante a leitura da comunicação datada de 1 de Julho, do major LEONEL COHEN (V. Documento nº 18 )

Nessa comunicação lê-se o seguinte: "Todos os vaus do rio Likungo tem agua até ao peito e outros ao peçoço. Exceptuando um ao Norte de Lagéla onde se pôde passar. Já avisei "Inteligencia" para vigiar bem os-

te vau."

Por estas palavras, parece que os vaus com agua até ao peito e até ao pescoço não eram considerados pelo signatário susceptíveis de dar passagem. Poderá, por ventura, esta consideração errada explicar a facilidade com que VOLLETON atravessou o Likungo num dos vaus que tinham agua até ao pescoço ?

O cidadão MANOEL DE OLIVEIRA ESTEVES, ao tempo secretario da Camara Municipal de Quelimane, sendo ouvido como testemunha, por deprecada, no auto de corpo de delicto, afirmou que no dia do primeiro ataque a Ihamacurra entre as 9 e 10 horas, foi avisado, por indigenas da sua confiança, de que os alemães se estavam preparando num valle a S.E. de Mterêda ( ? ), na margem esquerda do rio Licungo, para o atravessarem numa ponte de pau e cordas, a fim de se dirigirem a Ihamacurra, e que tendo-se dirigido immediatamente á residencia do Governo e comunicado este facto ao major JOÃO PINTO FELIJO TEIXEIRA, que por sua vez o transmitiu ao coronel SOUSA ROSA, este não ligou importancia a estas informações, dizendo que "de informações como essa estava farto até aos cabelos", de que resultou a surpresa do ataque a Ihamacurra, ás 15 horas, surpresa que, em sua opinião, não se teria dado se o coronel SOUSA ROSA tivesse dado importancia á sua informação.

O general SOUSA ROSA declara não se recordar de que algum lhe tivesse dado esta informação, nem de ter proferido as palavras citadas pelo ESTEVES, conquanto reconheça empre-

gal-as frequentes vezes.

O general SOUSA E ALBUQUERQUE, no parecer que dá sobre o auto de corpo de delito, diz, a fls. 188 verso, verificar-se que "na verdade o general SOUSA ROSA não tem responsabilidade, pelas afirmações de MANOEL ESTEVES, no desastre "de Ihamacurra".

Vejamos, contudo, o valor que podiam ter as informações de MANOEL ESTEVES e que credito lhe deveria ter dado o general SOUSA ROSA, na hipotese de lhe terem sido comunicadas.

VON-LETOW, nas suas "MEMORIAS", conta, que, apressando a marcha para se reunir a MULLER, atingira o Licungo na tarde de 1 de Julho e o atravessára immediatamente, e que, tendo bivacado na margem direita, continuou a marcha na manhã de 2. Ora, á tarde, VON-LETOW estava empenhado em combate com os defensores da estação de Ihamacurra, de onde se conclue que a distancia entre o local de bivaque e Ihamacurra era tal que, no mesmo dia, foi possível marchar e combater.

(1)

Sendo assim, tendo MULLER atacado a Fabrica ás 15 horas da vespera, e atendendo a que VON-LETOW marchava pelo trilho deixado pelas forças de MULLER, temos de concluir que este deixou o Licungo na manhã de 1, tendo-o atravessado na tarde de 30. Supôr que o atravessou na manhã de 30 e ficou inativo o resto do dia, na margem direita, não é admissível. Por outro lado a distancia a que MULLER marchava na frente de VON-LETOW - geralmente de um ou dois dias de marcha - não devia, nesta occasião, ser superior a um dia de marcha, por isso que o general alemão nos diz que vinha apressando a sua marcha para se reunir ao seu subordinado.

A passagem do Licungo pelas forças de MULLER não deve,

(1) A distancia minima entre o Licungo e Ihamacurra é, pela carta, de 23 kilometros.



pois, ter-se realisado antes da tarde de 30.

Ora não é admissivel que, desde a tarde de 30 de Junho até ás 9 horas da manhã seguinte - 18 horas, das quaes cêrca de 12 são de noite que seguem ou antecedem sem crepusculo as restantes - a informação desta passagem do Licungo pudesse ter percorrido os 70 a 80 kilometros que separam este rio da Vila de Quelimane, nem tampouco tivesse atravessado o rio Nhamcurra sem que as forças aliadas estacionadas junto da sua passagem tivessem della algum conhecimento.

Tambem se não comprehende que os indigenas do cidadão ESTEVES, tendo visto os alemães atravessar o rio Licungo, guardassem segredo desse facto para os de Nhamcurra e não o guardassem para os de Quelimane.

Mas ha mais. Os indigenas do cidadão ESTEVES viram os alemães a preparar-se para passar o Licungo numa ponte de paus e cordas. VON-LETOW diz nas suas "MEMORIAS" que marchava pelo trilho deixado por MULLER e que atravessou o Licungo num vau, com agua pelo pescoço, levando cada homem cêrca de uma hora a passar!

Se MULLER, dirigindo-se a Nhamcurra, onde sabia estarem forças aliadas, passou o rio Licungo numa ponte que construiu, porque razão não foi utilizada essa ponte para a passagem de VON-LETOW no dia seguinte, visto que este seguia o trilho que aquelle deixava? MULLER não tinha interesse algum em desmontar ou destruir esta ponte; só as forças aliadas teriam esse interesse, mas se a tivessem destruido, não teriam deixado de tomar contacto com o destacamento de MULLER, e, neste caso, o ataque á Fabrica, em Nhamcurra, não teria sido uma surpresa, como foi.

De tudo isto, somos levados a concluir que, se os indigenas do cidadão ESTEVES falaram a este, em Quelimane, ás 9 ou

10 horas de dia 1, em qualquer passagem do Licungo pelos alemães, decerto se referiram ás primeiras passagens do rio em 23, ou reproduziram um boato que coincidiu com uma realidade. Outra explicação não se encontra para accitar, como verdade, tor o cidadão MANOEL ESTEVES communicado ao falecido major FELISÓ TEIXEIRA, na manhã de 1 de Julho, qualquer coisa sobre passagens do Licungo pelos alemães.

E comprehende-se que, no caso deste official ter transmittido o que porventura lhe disse MANOEL ESTEVES, ao general SOUSA ROSA, este não lhe tivesse dado credito, tanto mais que não podia admitir que o rio Licungo não estivesse sendo cuidadosamente explorado, como fôra ordenado e recommendado ás forças de Khamacurra e Maley, e como as informações do major COHEN faziam acreditar, assim como não lhe passava pela mente que o engenheiro da Fabrica de Soror fizesse trabalhar os seus indigenas, áquom e além do Licungo, por conta dos alemães.

Ainda nesse dia 1, o general SOUSA ROSA recebia do official inglez de ligação, major LEONEL COHEN, um relatorio reproduzindo um outro datado de 30, em que se dizia:

".....desertores aqui carregadores capturados hontem dizem que força de avanço alemã alguma distancia ao sul de Lugéla quando sahio e estavam acampados na margem de Oeste ha dias. Segunda columna na margem de Oeste em Lugéla ha quatro dias. Ultima columna passou por Iugeba hontem em caminho para Iugolla. Confirmam que peça de montanha de 7 libras transportada a mulas com a ultima columna....."

Por esta informação, recebida em 2 de Julho, se vê quanto as informações inglezas eram sempre tardias, incompletas ou menos exactas

No segundo depoimento do general SOUSA ROSA, a fls. 208<sup>a</sup> do auto de corpo de delito, lê-se que este disse

"que depois de ter feito o referido depoimento (o principal), foi lêr o seu relatório oficial onde na 3ª Parte está dito que o Chefe do Estado Maior informou em tempo competente o comandante das forças de Nhamecurra da passagem dos alemães no rio Licungo, segundo as informações colhidas no C.G.."

Ora na 3ª Parte do relatório tal não está escrito. E do exame dos documentos, que foram vistos pela Comissão, verifica-se não ter havido informação alguma acerca daquela passagem, da qual o C.G. só teve conhecimento pela notícia do ataque realizado á Fábriça no dia 1 de Julho.

Deste modo, só por omissão casual de palavras no aludido depoimento - omissão que decerto escapou ao interessado ao ouvir lê-lo e ao assinal-o - se pôde explicar o que se lê no segundo depoimento.

II - OS COMBATES DE 1, 2 e 3 de JULHO

No dia 1 de Julho de 1918 ainda não havia a mais ligeira informação da aproximação de forças alemãs. Havia até quem dissésse que ellas voltavam para Norte. O Commandante, tenente-coronel GORE BROWNE, tendo tomado o Commando em 27, percorrerá o terreno occupado em 28, indicara em 29 as posições a occupar e os entrenchamentos a construir, e determinára que estes estivessem prontos neste dia 1 para serem visitados por elle em 2. - Tal era a convicção de que o inimigo ainda estava distante.

Ora neste dia 1 de Julho de 1918, quando regressava de Mumbaba para a estação de Mhamacurra, um comboio em que viam varios officiaes portuguezes, e este comboio estava já a uns 6 ou 8 kilometros de Mhamacurra - eram 14 horas e trinta minutos - um dos passageiros, o tenente de engenharia HIPACIO DE BRION, notou que a linha telefonica estava cortada. No momento em que chamava a attenção dos seus companheiros de viagem para esta descoberta, rompia fogo sobre o comboio uma patrulha de 8 ou 9 askaris alemães.

Alguns dos officiaes responderam ao fogo e, graças á serenidade do maquinista, o comboio continuou a sua marcha para a estação de Mhamacurra, onde chegou por volta das 15 horas.

Entretanto, as forças portuguezas procuravam terminar a construção dos entrenchamentos, os quaes deviam estar prontos neste dia, para serem visitados pelo commandante GORE BROWNE, alguns officiaes e soldados portuguezes andavam vendo as instalações da Fabrica do Boror, e as companhias inglezas ainda não tinham occupado as suas posições nas in

modificações da estação de Mhamacurra.

Imagine-se um rio descrevendo um arco cujo raio de curvatura é grande e voltado para o Norte, e cuja corda, orientada no sentido NO - SE, é representada por uma estrada. Este rio é o Mhamacurra e corre, de um modo geral, de NO. para S. ou SE.; esta estrada é a que liga a Fabrica do Boror com a estação de Mhamacurra, continuando para E.

Este segmento é dividido em duas partes pelo rio Nadobe, afluente de Mhamacurra, que corre na direcção N - S. Na parte occidental - menor que a oriental - fica a Fabrica; na oriental fica a estação. A distancia da Fabrica á estação é calculada em 3 kilometros. Da Fabrica para SO., pouco mais ou menos, segue a estrada para Quelimane transpondo o rio Mhamacurra na unica ponte que havia.

A linha ferrea de Quelimane suspendia-se ao atingir o rio Mussôlo e só continuava na margem norte do rio Mhamacurra. Os passageiros e mercadorias que, de Quelimane, se dirigissem para Norte tinham dois ~~trans~~bordos: um no rio Mussôlo (ou Muanange) para um barco que descia este rio até ao Mhamacurra e depois subia este até ao caso a Sul da estação, e outro neste caso para os vagões que seguiam para Namibia.

O terreno a O de Nadobe constituia o sector de defesa nº 1 confiado á 59ª companhia indigena; o terreno comprehendido entre o Nadobe e a linha ferrea constituia o sector nº 2 confiado á 21ª companhia indigena; o terreno a E. da linha ferrea constituia o sector nº 3 confiado á 4ª companhia inglesa do 2/3 K.A.R.

A artilharia - 2 peças portuguesas de 7,<sup>6</sup> de montanha, tiro rapido - estava proximo da Fabrica, pelo lado E., servindo-lhe de apoio a 25ª companhia indigena. Tinha estado postada proximo da estação, numa posição que, na opinião de algumas testemunhas, tinha excellento commandamento, mas o tenente-coronel COLE BROWNE ao passar-lhe revista depois de

ter assumido o comando geral das forças aliadas na localidade, ordenára a sua transferencia para junto da Fabrica, afim de defender a ponte para Quelimanc, como "em testa de ponte". No dizer de algumas testemunhas esta posição era má e não tinha commandamento.

A 3ª Companhia inglesa de 2/5 E.A.R. constituia a reserva geral, postada no sector nº 5 - o da direita - a SE. da estação.

A frente occupada por estas forças era superior a tres kilometros, e entre as companhias em primeira linha havia intervalos de um kilometro ou mais.

Os entrancheiramentos da 3ª e 5ª companhias eram sobreelevados para poderem permitir o fogo por cima de um vasto campo de cisal que se estendia na sua frente. Estes entrancheiramentos não tinham, ao que parece, nem travezes, nem pára-dorsos.

Poucos minutos passados depois das 15 horas, rompe uma grande fuzilaria no sector nº 1. Os officiaes e soldados que andavam pelas varias dependencias da Fabrica correm para os seus postos; os que trabalham nas trincheiras equipam-se rapidamente. E em pouco mais de uma hora, com uma rapidez e com uma precisão que só se comprehendem desde que se admita que quem atacava conhecia exactamente, de antemão, as disposições e a situação das forças de defesa, as forças alemãs do capitão MULLER, tendo contornado este sector da esquerda a grande distancia e tendo-se infiltrado entre a Fa-

brica e o rio, atacaram a 25ª companhia de flanco e a 39ª de flanco e de reves e apossaram-se, num instante, da Fabrica e da artilharia.

Este ataque foi tão fulminante que, nem a 21ª companhia nem o Commando comprehenderam o que se estava passando.

A 21ª companhia só começou a comprehender o que se tinha passado quando soube, por uma patrulinha, que a ponte sobre o rio Madobo - na sua esquerda e á retaguarda - estava guardada por forças inimigas. Ella viu o avanço de forças para a Fabrica dirigidas a toque de corneta e subindo pela margem do rio, mas julgára que eram ingleses que iam reforçar o flanco esquerdo e, por isso, não lho fizera fogo. O seu commandante, o capitão BARTHOLOMEU SIQUEIRA, só soube que essas forças eram alemães quando, tendo ido pessoalmente, terminado o combate, procurar o Commando á estação para lho pedir instrucções, e tendo perguntado, nessa ocasião, se alguma força inglesa tinha ido, junto da margem do rio, reforçar o flanco esquerdo, lho foi respondido negativamente.

No seu relatorio, o tenente DAMAZES OSORIO, commandante da divisão de artilharia, affirma ter sabido, depois de prisioneiro, que os alemães atravessaram o rio duas vezes, para o poderem atacar e á 25ª companhia, pela retaguarda.

O Commandante, tenente-coronel CORREIA BROWNIE, não pudéra saber o que se passava, porque a linha telefonica que ligava a estação com a Fabrica fôra cortada, não obstante passar na retaguarda da 21ª companhia. Varias vezes perguntára pelo capitão de Estado Maior DAMASCENO, chegando a enviar officiaes em sua procura. Este, porém, meia hora depois de iniciado o combate tinha sido aprisionado, juntamente com 2 officiaes medicos e o agente da autoridade local JOSÉ ANTUNES SARDINHA, na casa de residencia deste ultimo, proximo da Fabrica.

Durante a noite - ás 2 horas de 2 - a 21ª companhia retirou, conforme ordens que recebeu, para junto da estação, onde ficaram, portanto, duas companhias inglezas e uma portugueza, aquellas com 6 metralhadoras e esta com 2. Não havia artilharia, por que fôra tomada pelos alemães junto á Fabrica, não sendo de prevêr que estes a pudessem utilizar, porquanto ao serem surprehendidos pelo ataque alemão, mal tendo tido tempo de virar as peças e dar precipitadamente alguns tiros (uns 30 talvez), os artilheiros, sob o commando do alferes LEMONDE de SACEDO, tinham conseguido ainda levar-lhes as culatras.

Na communicação que CORE BROWNE fez, depois das 22 e meia horas do dia 1, acerca do primeiro combate de Nhamacurra, communicação que foi transmitida ao coronel SOUSA ROSA, pelo major LEONEL COHEN (1), diz-se :

"...apesar de ter bastantes patrulhas, só fui avisado uma hora antes..."

No relatório do tenente ANDERSON, ajudante do tenente-coronel CORE BROWNE, <sup>le-se</sup> tam-bem, :

"...que este foi informado por um indigena côrea das 14 horas do dia 1 de Julho que foram vistas pégadas de gente e marcas feitas por botas e que a linha telegrafica tinha sido cortada e que o inimigo provavelmente estava perto..."

---

(1) Esta communicação só poderia ser recebida na manhã de 2, porquanto este official sahio de Nhamacurra acompanhado do major MATHEUS, ás 23 de 1, carinho de Quelirano.



Se, realmente, GORE BROWNE recebeu estas informações cerca das 14 horas do dia 1, certo é que os factos se passaram como se taes informações não tivessem sido recebidas, como se verifica pelos relatorios e depoimentos examinados e pelo modo como foi realizado o ataque á Fabrica, por volta das 15 horas. (V. Documento Nº 19.).

Durante a noite que se seguiu, foi constante o tiroteio entre as patrulhas.

Ao alvorecer, pronunciou-se o ataque ao flanco direito, começando por ser dirigido contra a face NE. dos entrancheiramentos em volta da estação. Foram calculadas em 3 companhias as forças alemãs que iniciaram este ataque.

Se o ataque foi violento, a defesa não foi menos enérgica. Os alemães atacaram vinte e duas vezes, chegando, algumas dellas, a poucos metros dos entrancheiramentos. Os aliados mantiveram-se firmes nos seus postos. O consumo de munições, sobretudo por parte dos ingleses, foi enorme. Quando se sentiu próxima a sua falta, o comandante reuniu um conselho de officiaes e ahí foi posta a hipótese de retirada.

Decidiu-se, porém, esperar ainda algum tempo, e, entretanto, chegou um gazolina com um lanchão transportando rações e 60.000 cartuchos.

Varias trincheiras foram abertas ou melhoradas, debai-

xo de fogo, apesar da sua intensidade.

Seguiu-se a noite de dois para tres.

Ao amanhecer do dia 3, aumentou o tiroteio e novos ataques foram dirigidos sobre diversos pontos do entrenchamento, como que á procura do mais vulneravel.

O moral das tropas de defesa era excelente, e como o official de ligação COHEN, chefe de serviço de informações, tinha dito, na ante-vespera, antes de recolher a Quelizmo, que uma forte columna inglesa estava já em Mocuba e devia chegar a Namacurra, no dia 3, o mais tardar, todos esperavam vêr, dentro de algumas horas, os alemães metidos entre dois fogos ou baterem em retirada.

Mas pouco depois das 15 horas e meia, começaram a rebentar granadas de artilharia sobre os aliados, o que ainda não tinha sido presenciado por 75% dos askaris ingleses, por ser esta a primeira vez que entravam em um combate com artilharia.

As peças que os alemães tinham apreendido sem culatras no dia 1, proximo da Fabrica, eram do mesmo modelo de uma de que dispunham e que tambem tinha sido portugueza. Trocando entre si as partes mais importantes de cada uma das tres (1) - assim o diz VON-LETOW - conseguiram que uma ficasse em estado de fazer fogo e pudesse "dar o

---

(1) Parece que neste trabalho foi aproveitade um tórno existente na Fabrica de Boror.

o devido destino a 200 granadas que tinham capturado".

A primeira granada rebentou no ar por cima das tropas aliadas. Os soldados mantiveram-se fazendo fogo. A segunda rebentou na estação, a terceira sobre o posto de Commando. As metralhadoras não paravam. O rebentamento da quarta granada, coincidindo com um ataque mais violento dos alemães, acabou de abalar o moral dos askaris ingleses e provocou a sua debandada na face NE.

Os alemães entraram os entrincheiramentos e cortaram a retirada aos pelotões portugueses. GORE BROWNE ainda tentou deter os seus honens e oppôr uma resistencia num ponto entre a estação e o rio, mas os alemães, avançando com as suas metralhadoras, varejaram os ingleses que, tomados de pânico, procuraram salvar-se atravessando o rio a nado. As perdas nesta fuga foram enormes, e o proprio commandante, tenente-coronel GORE-BROWNE, morreu [já dentro ] do rio.

Não é verdade que tivessem sido os portugueses os causadores da derrota de Nhamcurra, como alguém afirmou. Eram ingleses e combatentes da 1ª linha os 100 ou 150 askaris que morreram ao atravessar o rio Nhamcurra, na retaguarda da posição, enquanto que os portugueses foram aprisionados nas suas posições. A causa da derrota tem de procurar-se na surpresa causada pelo rebentar das granadas sobre tropas desconhecedoras dos effectos desse tiro, e que os sentiram pela primeira vez.

Senhores da estação do caminho de ferro, os alemães apocaram-se da immensa quantidade de cãhetes de munições e de quantos generos lá havia. Substituíram as armas de que se tinham servido até então, por armas inglesas e portuguesas. Distribuíram largamente panos, generos e aquecer

da Fabrica aos askaris, bem como generos e artigos aos europeus, a ponto de todos ficarem fornecidos "para mezes". Os vinhos excellentes que encontraram e não puderam beber, foram lançados ao rio.

Já depois do combate terminado, ainda foi apprehendido um barco que chegava e que conduzia mais cartuchamo.

A ausencia de um serviço de segurança montado convenientemente, falta que foi verificada por varias testemunhas, explica a surpresa de dia 1.

Apesar das ordens recebidas, a exploração das margens e dos vãos do Licungo ou não se fez ou foi mal feita, e era geral a convicção de que o inimigo estava longe. Assim, proximo das 15 horas de dia 1, isto é, poucos momentos antes de começar o tiroteio, e já depois do ataque ao comboio que recolhia de Nunhiva, o capitão de Estado Maior DAMASCENO estava em casa do cidadão JOSÉ ANTUNES SARDINHA, agente da autoridade na localidade, e affirmava a este e a dois officiaes medicos que, segundo as informações recebidas naquello momento, os alemães estavam em faganja da Coseta, a 40 kilometros de Nhamacurra. A casa onde se realisava esta conversa era proxima da Fabrica, e tendo o capitão DAMASCENO sahido, após a conversa, para ir visitar as trincheiras, afim de verificar se ellas "estavam em condições, pois que no dia seguinte, era esperado o commandante inglez das forças em operações, afim de passar revista ás trin-

cheiras das forças portuguesas", já o não pode fazer e voltando para a dita casa ahí foi aprisionado com os 2 officiaes medicos e com o SARDINHA.

Entre os sectores de defesa dos aliados, e entre qualquer delles e o Commando, não havia ligações algumas estabelecidas, e, por isso, na tarde de 1, a 21ª companhia não soube o que se passava <sup>a</sup> na sua esquerda, nem disparou um tiro.

A unica ligação que havia era uma linha telefonica entre a estação e a Fabrica, e essa foi cortada logo de começo, como já se disse.

O tenente-coronel GORE BROWNE que, neste dia, se tinha instalado na estação e passado revista ás trincheiras proximas, quiz ~~é~~ pôr ~~em~~ em contacto com o capitão do E.M. DAMASCENO, já utilizando esta linha telefonica, já mandando em sua procura um seu ajudante, mas enquanto o posto de Commando estava na estação, o capitão do Estado Maior era preso proximo da Fabrica - a tres kilometros de distancia - meia hora depois de começar o combate do dia 1.

O inimigo devia estar informado do dispositivo das forças aliadas, pois só assim se explica a maneira simples, rapida, sem hesitações, nem reconhecimentos prévios, como MULLER envolveu e surpreendeu o flanco esquerdo. Os alemães tinham montado um perfeito serviço de espionagem, e, segundo era voz corrente, o suíço SPIESS, engenheiro da companhia do Boror, era quem dirigia esse serviço no Distrito de Quelimane (1).

Tendo conhecimento na manhã de 2 do ataque do dia 1, o

---

(1) Facto curioso: Quando, no dia 1, ás 17 horas, MULLER chegou a casa onde tinha sido aprisionado e estava preso o cap. do E.M. DAMASCENO, uma das pessoas que o acompanhavam era, segundo affirmam um das testemunhas presentes, este engenheiro SPIESS. --- Este suíço foi mais tarde preso por ordem do general SOUSA ROSA. -- Ha quem diga que este SPIESS, depois da tomada da Fabrica, comparecia ás refeições dos alemães mais graduados. (JOSE TORRES - "A CAMPANHÁ DA AFRICA ORIENTAL" - Lourenço Marques, 1919 )

coronel SOUSA ROSA ordenou telegraficamente, no referido dia 2, ás duas companhias que estavam em Munniba, commandadas pelo major COM DO VALLE, (Documentos n.ºs 20, 21 e 22), "que marchassem, o mais rapidamente possível, sobre Nhamacurra", ordem esta que, segundo o Documento n.º 23 foi recebida na tarde desse mesmo dia.

Como lhe tivessem fugido os carregadores, ao terem conhecimento do combate da vespera, o major COM DO VALLE só marchou ás 7 e 30 de dia 3, depois de ter obtido novos carregadores, e foi ficar a Malley, onde chegou á noite. Ahi recebeu a ordem de apressar a marcha que (Documento n.º 24) nesse dia lhe fôra enviada, e, no dia seguinte, ao inicial-a, recebeu ordem de voltar para Munniba, em vista do resultado do combate de 3, a fim de reunir ás forças inglezas que iam convergir sobre Nhamacurra.

Da Vila de Quelimane nenhuma reforço podia ter sido enviada pelo coronel SOUSA ROSA, pois ali não havia mais que civis e indigenas auxiliares, e, reunidos todos, não se obtinham 200 combatentes improvisados. Era com estes homens que, conforme as ordens do Commando em Chefe, e os recios geracs, se estava procedendo á organização defensiva da Vila de Quelimane, num frente de mais de tres kilometros.

Das guarnições dos navios de guerra, curtos no porto, não podia o coronel SOUSA ROSA dispôr sem licença do Commando em Chefe das forças navaes. Nos documentos examinados por esta Commissão lê-se:

N.º um, datado de 2 - "que o Chefe (Commandante em Chefe) está pedindo S.N.O. (Service Naval-Officer) para desembarcar soldados da marinha e metralhadoras de navio "TALBOT" em Quelimane (Documento n.º 25);  
E noutro, datado de 3 - "que o general VAN-DEVIJTER estava pedindo S.N.O. para desembarcar toda a gente

"disponível. (Documento nº ~~12~~ ).

O unico auxilio que, da Vila de Quelimane, pode seguir para ser prestado a tempo ás forças de Nhamecurra, foi o reabastecimento em munições e, esse, foi-lhe prestado largamente.

♦♦

♦♦

♦♦ CONCLUSÕES :

Da exposição que acabamos de fazer, conclue-se:

- 1.ª - Que o Coronel SOUSA ROSA, ao desembarcar em Quelimane, tomou as disposições necessarias para assegurar a cooperação das suas tropas nas operações que as forças Britanicas estavam realizando;
- 2.ª - Que, porém, em cumprimento de ordens posterior e nte recebidas, do Commando Superior das Forças Aliadas; a acção da maior parte das nossas tropas desembarcadas em Quelimane consistiu, por fim, na occupação e defesa de Nhamecurra, onde foram reforçadas com duas companhias britannicas;
- 3.ª - Que, sem prévia annuencia do Commandante em Chefe das nossas tropas, foi nomeado um official do Exercito Britanico para exercer o Commando das forças que se reuniram em Nhamecurra, a maioria das quaes eram portuguezas e já estavam commandadas por um official superior do Exercito Portuguez, facto este que motivou

e pedido de exoneração feito pelo coronel SOUSA ROSA, que aliás, já em 8 de Janeiro, salientara ao Governo da Republica a conveniencia da sua substituição por um official general;

- 4.ª - Que o coronel SOUSA ROSA deu ao referido official do EXERCITO BRITANICO, especialmente nomeado pelo Commandante Superior das Forças Aliadas para exercer o comando das tropas reunidas em Nhamcurra, a directiva necessaria para assegurar o cumprimento das ordens recebidas do referido Commando Superior, chamando-lhe a attenção para os seguintes pontos:
- a) direcções em que devia esclarecer-se acerca dos movimentos do inimigo;
  - b) direcção em que devia procurar estabelecer ligação com as forças britannicas que marchavam de N.O. para S.E.;
  - c) reconhecimento das passagens de Licungo e vigilancia a estabelecer nessas passagens;
- 5.ª - Que apesar de se dizer na comunicação transmitida pelo official de ligação junto do Quartel General das Forças Portuguezas, ao Coronel SOUSA ROSA, a respeito do primeiro combate de Nhamcurra, e no relatorio do tenente ANDERSON, ajudante do tenente-coronel CORE BROWNE, sobre o mesmo combate, que este tenente-coronel tivera noticias da aproximação do inimigo, certo é que os factos se passaram como se taes noticias não tivessem sido recebidas, e que le-va a Comissão a julgar
- a) que nem a exploração a distancia feita por es-coteiros sob a direcção do official britannico, agente de ligação junto do Q.G. Portuguez, nem a que era dirigida pelo engenheiro suizo SPIESS,



da Fabrica de Boror, deram noticias da aproximação do inimigo;

b) que as tropas de Nhamacurra sob o commando do tenente-coronel CORRE BROWNE do exercito britânico "não vigiaram devidamente os vãos do Linsungo nem se protegeram convenientemente por fóram a evitar uma surpresa";

6.º - Que ao ter conhecimento, em 2 de Julho, da surpresa de Nhamacurra, na vespera, o coronel SOUSA ROSA não dispunha, em Quelimane, de meios para eficazmente reforçar as tropas que occupavam aquelle ponto, tendo, contudo, tomado as disposições precisas para assegurar o seu reabastecimento em munições, e ordenado, telegraficamente, no proprio dia 2, a marcha, sobre Nhamacurra, das duas companhias que estavam em Mumbiba; ordem esta que foi insistentemente renovada no dia 3 e que foi recebida pelo destinatario quando já estava em marcha.

7.º - Finalmente, que dada a situação muito especial em que o commandante da Expedição portugueza se encontrava, quer quanto ao Commando em Chefe das forças aliadas e direcção das operações, quer quanto aos recursos de que podia dispôr na occasião, para eficazmente socorrer as tropas que combatiam em Nhamacurra, não lhe pôde ser imputada a responsabilidade do desastre sofrido pelas tropas aliadas naquelle local.